

MEDIAÇÕES ACADÊMICAS E INTERFACES DIGITAIS PARA A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Raúl Fuentes Navarro

Tradução: Cristiane Grings e Efendy Maldonado

Este trabalho está referido ao campo acadêmico da comunicação e suas determinações no México de um ângulo pouco usual: o dos recursos de documentação que servem ou deveriam servir como *infraestrutura* dos processos e sistemas de produção acadêmica, especialmente os orientados especificamente para a prática da investigação¹. É resultado direto de um projeto de desenvolvimento de bases de informação formalmente concluído em 2004², cujo objetivo geral foi “consolidar uma base de dados bibliográficos o mais completa, atualizada e orientada ao usuários que seja possível, sobre a produção científica mexicana no campo acadêmico da comunicação e colocar à disposição da consulta pública mediante a tecnologia informática mais avançada. (Fuentes, 2000a).

Desde outubro de 2003, tal base de dados pode ser consultada livremente via internet, no *site Documentación en Ciencias de la Comunicación* o “ccdoc” [<http://ccdoc.ite->

1 Retomam-se parcialmente neste texto as palestras apresentadas no GT Teoria e Metodologias da Investigação em Comunicação no 7º Congresso da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC): La Plata, Argentina, outubro 11-16 de 2004 e no grupo de discussão “Como democratizar a comunicação por meio da educação?”, no III Seminário Internacional Latino-americano de Investigação da Comunicação ALAIIC. São Paulo, mayo 12-14 de 2005.

2 Raúl Fuentes Navarro (responsable), La investigación académica sobre comunicación en México, 1950-2000, projeto de desenvolvimento de bases de informação apoiado pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONACyT) em sua convocação 2000, referência R34247-S.

so.mx] e contém ao redor de cinco mil referências a livros, capítulos, artigos e teses de pós-graduação sobre a comunicação no México, incluindo o texto completo digitalizado de aproximadamente 40% dos documentos, porcentagem que irá se incrementando na medida em que seus editores autorizarem e se realizarem processos técnicos correspondentes. Nesse sentido, o *site* se constitui em uma *biblioteca virtual*, única por suas características no campo.

As linhas gerais deste projeto, desenvolvido desde o Departamento de Estudos Socioculturais do ITESO³, e das experiências de mais de duas décadas que confluem nele como “justificativa, antecedentes e contexto”, foram expostas em outros textos (Fuentes, 2004a; 2004b), com as mesmas intenções de difusão e “recuperação crítica” que este, porém traçadas de outro ângulo. Dado que o propósito mais geral dos trabalhos de documentação pode sintetizar-se em “recuperar, sistematizar e colocar à disposição dos investigadores em exercício e em formação os documentos que permitam construir os estados da questão pertinentes a seus projetos, ao mesmo tempo que dispor de uma base de informação que facilite a avaliação contínua da produção do campo” (Fuentes, 2000a), há diversas articulações e implicações que convém traçar e propor para a discussão aos agentes envolvidos, independentemente do meio utilizado.

Uma precisão indispensável, de entrada, para esta discussão, é que a produção de conhecimento não é e nem pode ser entendida como uma tarefa individual, independente de uma “comunidade”, como se assume geralmente desde que Thomas S. Kuhn publicou *La estructura de las revoluciones científicas*: “o conhecimento científico, como a linguagem, é intrinsecamente a propriedade comum de um grupo ou não é nada. Para compreendê-lo devemos conhecer as características especiais dos grupos que o criam e o usam” (Kuhn, 1970: 210). Se sustentem ou não

3 Com o inestimável apoio do pessoal responsável de Sistemas de Informação da Biblioteca Dr. Jorge Villalobos Padilla SJ do ITESO, para a instalação e operação da base de dados em plataforma web, segundo o Protocolo OAI (Open Archives Initiative).

as polêmicas teses centrais da obra de Kuhn para explicar o desenvolvimento histórico das especialidades científicas, é uma contribuição insubstituível para a sociologia do conhecimento a relação de mútua determinação entre o “paradigma” e a *comunidade científica* que o divide, como uma comunidade linguística divide um *idioma* (que por sua vez remete ao sistema da *língua*), mediante as interações sociais *comunicativamente mediadas*.

Em conjunção com esta premissa teórica, se parte também do fato de que no campo acadêmico da comunicação no México foram constatadas repetidamente *graves carências de circulação e referência* das contribuições publicadas nos trabalhos que deveriam acumular criticamente o conhecimento sobre os objetos de estudo. Demais produtos da investigação pedem, incluso explicitamente, que sobre seu tema não há escrito nada, que sobre o assunto específico se desconhece tudo, pelo que o trabalho é “absolutamente original” ou, em termos mais humildes, que o máximo que se pode aspirar é a realizar um estudo “exploratório”. Não há assim, possibilidade de confronto nem debate de fontes empíricas, de projetos metodológicos, de referências teóricas, e, portanto, de avanço no conhecimento. O problema que suscita a reflexão destas páginas pode formular-se nos seguintes termos: o campo acadêmico da comunicação no México acusa, entre seus principais problemas estruturais, um *amplo desconhecimento de seus próprios produtos*, o qual é um obstáculo maior para seu desenvolvimento.

Desde este ângulo, o projeto *ccdoc* tentou responder ao propósito de impulsionar o desenvolvimento da infraestrutura e a cultura da documentação acadêmica, mediante a articulação de *sistemas de informação* (geradores de representações) e *sistemas de comunicação* (produtores de interações), buscando o aproveitamento de novos recursos tecnológicos e o estabelecimento de novos padrões de interação entre os usuários e o conhecimento do campo. Os princípios básicos sobre os quais se elaborou o projeto podem resumir-se em cinco:

- Selecionar e incluir os documentos publicados que contenham contribuições acadêmicas ao conhecimento da comunicação no México em qualquer de suas dimensões;
- Abrir ao acesso público gratuito a informação sistematizada, sem perda de seu caráter especializado;
- Administrar a autorização dos editores (titulares do *copyright*) para oferecer a reprodução fac-similar (formato .pdf) dos textos completos em linha;
- Procurar a compatibilidade e complementação com outros recursos de informação acadêmica nacionais e internacionais;
- Fomentar o desenvolvimento de uma cultura acadêmica e uma investigação da comunicação de maior rigor e pertinência, especialmente entre os investigadores em formação nos programas de pós-graduação.

A produção, circulação e recuperação do conhecimento acadêmico

Entre os múltiplos problemas incluídos pelos membros da Comissão McBride da UNESCO em seu famoso informe de 1980, pode recordar-se “o dilema tecnológico”, claramente formulado muitos anos antes da “erupção” de internet:

É muito possível (...) que a criação de bancos de dados conectados a computadores traga consigo o aumento da disparidade entre países e grupos de países, ao reduzir as facilidades de acesso à informação de que dispõem os mais pobres ou que a aparição de grandes universos telemáticos interconectados aumente a contradição, já evidente, entre a interdependência das nações e sua soberania. Segundo as circunstâncias e as condições de seu emprego, o computador pode converter-se em um servidor ou em proprietário.

A telemática pode servir mesmo para transformar as sociedades no sentido da hierarquização, a burocratização, o fortalecimento da tecnocracia e a centralização (...) que para facilitar a aparição de umas sociedades mais abertas e mais livres, mais espontâneas e mais parceiras, e também mais democráticas, ao salvaguardar a multiplicidade de centros de decisões e de expressão. Não se pode descartar tal possibilidade. (McBride *et al.*, 1980: 68).

Nesse contexto, e com afincado de “não descartar tal possibilidade” democratizadora, é no entanto evidente que na América Latina em geral, e no México em particular, os bancos de informação e a sistematização documental da produção científica foram impulsionados incomparavelmente menos que nos países “desenvolvidos”, posto que sua atividade científica conta com apoio muito menor neste tipo de infraestrutura e demonstra, desde aí, seu caráter “periférico” e “marginal”. Já em 1988, por exemplo, Soledad Robina propunha “uma política de desenvolvimento de bancos nacionais de informação [relacionada com] um modelo de desenvolvimento que reforce a soberania nacional, diminua a dependência tecnológica e lute contra a injustiça social” (Robina, 1988: 261).

Em anos mais recentes foi incrementada no México a atenção sistemática sobre os processos mediante os quais se produzem e se transferem os conhecimentos, e foi trabalhado por “conter a natureza das interações entre os produtores e os usuários de conhecimentos para analisar como se constroem os desenvolvimentos tecnológicos” (Casas, 2001: 13).

Em breves palavras, vai ficando claro que “a posição e aplicação oportuna da informação é fator essencial de progresso; é fator indispensável para o uso racional de recursos, de avanços científicos, tecnológicos, sociais e culturais e pré-requisito para o desenvolvimento; é, pois, um recurso vital para o processo social e educativo e o avanço do conhecimento” (Almada, 2003: 103).

Se consideramos, paralelamente, que o desenvolvimento do campo acadêmico da comunicação é muito recente e seu reconhecimento social apenas perceptível não

só no México, o esforço analítico da produção acadêmica deve começar necessariamente por gerar a informação básica e contribuir a sua distribuição social. A este propósito foram orientados há mais de duas décadas alguns trabalhos neste sentido, sem que possa afirmar-se, em absoluto, que seus alcances tenham sido suficientes.

Haveria que recordar também, a este respeito, que nas décadas dos anos sessenta e setenta, como “nodo regional” de um projeto mundial impulsionado pela UNESCO, o Centro Internacional de Estudos Superiores em Comunicação para a América Latina (CIESPAL) estabeleceu em sua sede de Quito um centro de documentação cujo uso facilitou o primeiro reconhecimento crítico (Beltrán, 1974) e o estabelecimento de políticas e projetos latino americanos de investigação (CIESPAL, 1974). Durante muitos anos este centro foi o único vínculo latino-americano com a rede COMNET da UNESCO; de fato, para aproveitar plenamente seus serviços, era necessário fazer uma visita ao Equador. Porém outros organismos nacionais e internacionais foram estabelecidos nos anos setenta e oitenta mais centros de documentação sobre a comunicação. Desde 1983, no México, o autor deste trabalho tem buscado somar seus esforços a os de outros no plano da comunicação acadêmica em comunicação.

Os sistemas e processos de documentação acadêmica como interfaces

Desde um ponto de vista metodológico, mais heurístico que normativo, o processo da documentação acadêmica pode considerar-se constituído pelas seguintes dez fases:

1. seleção e reunião de documentos
2. classificação e catalogação
3. incorporação de documentos ao acervo
4. manutenção e conservação
5. recuperação e consulta mediante catálogo
6. acesso e reprodução de documentos

7. análise temática documental
8. intercâmbio acadêmico e técnico
9. assessoria a e entre usuários
10. desenvolvimento de aplicações acadêmicas⁴

Cada uma destas “fases” tem suas próprias condições e técnicas especializadas. Para algumas delas as inovações tecnológicas da informação são cruciais – como para produzir mais amplamente um catálogo acessível –, porém é claro que para todas o fator decisivo é sobretudo cultural. Por isso se assume que o desenvolvimento dos recursos de documentação depende centralmente de uma relação estreita entre a produção dos serviços e seu aproveitamento nas tarefas acadêmicas por seus usuários, neste caso, os investigadores da comunicação “em exercício e em formação”. Esta maneira de conceber a documentação acadêmica como processo implica o sistema de representações do conhecimento no campo objetivado nos documentos, os mecanismos de seu processamento e recuperação informativa e, primordialmente, o sistema de interações comunicativas *mediadas* por esses mecanismos que permitem aos sujeitos (“usuários do sistema”) empregar, dividir, interpretar e transformar essas representações do conhecimento, em fins coletivos ou comunitários.

Se é adotado o conceito de tecnologia que Manuel Castells propõe, seguindo a Brooks y Bell, em *La Era de la Información*, como “ponto de entrada para analisar a complexidade da nova economia, sociedade e cultura em formação” (Castells, 1999: 31): “o uso do conhecimento científico para especificar modos de fazer coisas de uma maneira *reproduzível*” (1999: 56), é necessário considerar que:

O que caracteriza a revolução tecnológica atual não é o caráter central do conhecimento e a informação, porém a aplicação desse conhecimento e informação a aparelhos de geração de conhecimento e processamento da infor-

⁴ Se retoma e reformula aqui o modelo proposto pela primeira vez em Fuentes (1991), assim como as propostas apresentadas em encontros de documentalistas latino-americanos realizados nas cidades brasileiras de Santos e Manaus (Fuentes, 1997 y 2000b), que em boa medida continuam sendo viáveis e vigentes.

mação/comunicação, em um círculo de retroalimentação acumulativo entre a inovação e seus usos. (...) As novas tecnologias da informação não são só que ferramentas aplicar, mas que processos desenvolver. Os usuários e os criadores podem converter-se nos mesmos. Deste modo, os usuários podem tomar o controle da tecnologia, como no caso da internet (...). Disto se deduz uma estreita relação entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força produtiva direta, não somente um elemento decisivo do sistema de produção (Castells, 1999: 58).

Esta hipótese, discutível em muitos diversos planos de análise como chave conceitual da "sociedade rede" que emerge na "globalização", impõe uma série de desafios intelectuais, políticos e culturais, entre os quais não são menores os que correspondem à reestruturação dos campos do conhecimento científico, entre estes os das ciências sociais (Giménez, 2003) e, muito especialmente, das ciências da comunicação (Fuentes, 2000c). Embora essa discussão tenha que se desdobrar em outros espaços, neste trabalho resulta indispensável referir-se a ela, posto que esse "novo paradigma tecnológico" baseado nas redes de informação/comunicação é ao mesmo tempo uma condição externa e um recurso aproveitável para a produção de conhecimento, e o referente específico dessa atividade produtiva no campo acadêmico da comunicação. Em outras palavras, há uma mudança ("revolucionária" segundo Castells e muitos outros) na estrutura da comunicação que corresponde integrar no sistema acadêmico especializado em produzir conhecimento sobre ela, não somente como "conteúdo" mas também como "forma"⁵.

5 Esta seria a perspectiva tecnológica correspondente e complementar a sociocultural que temos sustentado (Fuentes, 2003a) para a compreensão do trabalho acadêmico em comunicação como "produção social de sentido sobre a produção social de sentido". Teria que se explorar com maior cuidado, no plano epistemológico, a relação conceitual entre os "círculos de retroalimentação acumulativos" de que fala Castells, e os processos da "reflexividade" comunicativa.

Nessa moldura, as quatro primeiras fases do processo da documentação acadêmica (seleção e reunião de documentos, classificação e catalogação, incorporação ao acervo e manutenção e conservação), podem entender-se em conjunto como opções de *sistematização de informação*, cujo produto terminal é uma base de dados ou um *catálogo* disposto para a consulta e recuperação da informação pertinente pelos usuários. A tecnologia empregada para ele, como sistema de produção de usos *reproduzíveis*, desemboca então na geração das interfaces adequadas para que os usuários possam apropriar-se e reproduzir a informação não só como produto mas também como *processo*.

Entende-se por *interface* um dispositivo tecnológico que funciona como conexão física ou lógica entre dois objetos, espaços, organismos ou sistemas. É o ponto de intersecção entre o desenho dos sistemas de informação e os processos de sua apropriação pelos usuários⁶. Neste sentido, *ccdoc* aproveita várias ferramentas tecnológicas de vanguarda para facilitar não só a recuperação e consulta da informação documental sistematizada, mas também a disposição de reproduções dos textos referidos *em linha*, é dizer, através dos recursos de internet.

Três destas ferramentas tecnológicas incorporadas em *ccdoc* como *interface* são os arquivos (.pdf) que reproduzem digitalmente os textos de maneira que se possam transferir e imprimir sem alterar sua apresentação gráfica original, porém não modificar; o protocolo PMH para a coleta de "metadados" nos registros da base de dados, que proporciona uma grande flexibilidade e velocidade às buscas; e a plataforma OAI, ou Iniciativa de Arquivos Abertos, que colabora no intercâmbio livre de informação acadêmica através de Internet.

E tanto terminal de um sistema de informação, a interface de *ccdoc*, com uma apresentação gráfica deliberadamente simples porém um conjunto de dispositivos de *respaldo* de alta complexidade, oferece a seus usuários o

6 Desde o ponto de vista da investigação da comunicação, esta conceitualização tem sido um pouco mais desenvolvida em outros trabalhos. Podem consultar-se Fuentes (2001 y 2003b), Herrera y Fuentes (2002).

acesso a uma *biblioteca virtual* especializada no estudo acadêmico da comunicação no México. Este conceito de “biblioteca virtual” implica novos esquemas de serviços de busca, recuperação, intercâmbio e uso da informação em linha, para colocar à disposição dos usuários uma maior capacidade de recursos acadêmicos. O propósito central de sua construção, como está assumido no ITESO, é colaborar e animar o desenvolvimento de uma cultura de acesso, uso e avaliação do conhecimento através da informação, e por isto requer um financiamento alheio a toda finalidade de lucro.

Das interfaces documentais às mediações acadêmicas

Embora por razões de espaço neste trabalho não seja possível aprofundar demais nas conceitualizações tecnológicas e socioculturais que subjazem à concepção do *ccdoc* como um recurso de documentação para o campo acadêmico da comunicação no México, pode indicar-se pelo menos que em sua construção tem-se buscado estabelecer uma *articulação prática*, de natureza metodológica, entre os conceitos de *interface* (informativa ou informática) e de *mediação* (comunicativa ou sociocultural). Em sua formulação mais simples, pode descrever-se *ccdoc* como um sistema de informação (documental acadêmica) cuja *interface* oferece a possibilidade de converter-se em *mediação*, ou sistema de comunicação, entre o conhecimento publicado e seus destinatários primordiais, os próprios agentes acadêmicos que o produzem, se apropriam e reproduzem. O conceito de “mediação” aqui empregado remete em primeira instância à proposta “paradigmática” de Manuel Martín Serrano (1977, 1986, 1988), para quem “mediação” é um modelo de ordem que trabalha com os intercâmbios entre entidades materiais, imateriais e operativas, é dizer, integra sistemas heterônomos e pode empregar-se por isto em diversos níveis articulados logicamente.

Ao colocar à disposição de seus usuários as referências e os textos produzidos e postos em circulação

como representações do conhecimento sobre a comunicação, *ccdoc* se integra a uma “ecologia cognitiva” potencialmente enriquecida como recurso cultural (Lévy, 1990), que pode ser entendido e assumido desde um modelo de “cognições distribuídas”, e, em consequência, desde as condições de aprendizagem e ação coletivas que certos usos tecnológicos podem mediar (Salomon, 2001, Jensen, 2001). Nesse sentido, as quatro últimas “fases” do processo da documentação indicado (análise temática documental, intercâmbio acadêmico e técnico, assessoria a e entre usuários e desenvolvimento de aplicações acadêmicas), como sistema de comunicação *tecnologicamente mediado*, indicam as possibilidades de certos usos e modos de interação dos sujeitos com o conhecimento representado, com a *interface* que informa o processo, e por suposição, com os fins perseguidos individual e coletivamente, que qualificam as classes de *utilidade* do sistema. Em outras palavras, no plano propriamente sociocultural, é indispensável o desenvolvimento e o exercício de certas *competências* por parte dos usuários.

Como assinala Salomon, “nenhuma teoria das cognições distribuídas pode dar conta completamente da compreensão da atividade humana e da planificação fundamentada da educação se não considera as cognições dos indivíduos. O mesmo se aplica a outro aspecto desta argumentação: nenhuma teoria das cognições dos indivíduos resultaria satisfatória se não considera sua interação com situações de cognições distribuídas” (2001: 181-182). Por isso é necessário atender ao desenvolvimento nos sujeitos de muitas específicas *competências* ou capacidades de uso da informação e seus recursos de suporte tecnológico. Entre estas podem se mencionar as seguintes:

- Determinar uma situação, tema ou problema;
- Formular perguntas de indagação;
- Estabelecer o campo semântico, mediante palavras-chave;
- Selecionar fontes e obter acesso à informação;
- Integrar, analisar/sistematizar a informação;

- Gerar elaborações e conclusões próprias;
- Dar a conhecer a informação gerada... (Toledano, 2004).

A aprendizagem destas e outras competências mais complexas, associadas entre si na prática cotidiana, estão ou devem estar na base da formação dos investigadores, especial porém não exclusivamente, "da comunicação", propósito específico dos pós-graduados, embora devesse empreender-se sistematicamente desde antes. Porém a crescente disponibilidade de recursos de informação acadêmica *em linha* de "cobertura internacional" (*Proquest, EBSCOhost*, etc.) chama a atenção a insuficiência de recursos referidos às escalas mais próximas (e, por isso, mais pertinentes) da produção acadêmica. Não há, nesse sentido, mais informação sistematizada sobre a comunicação no México em nenhum outro *site* que em *ccdoc*. Obviamente, a produção mexicana não é a única pertinente para o estudo da comunicação no México, porém seu uso complementar com a proveniente de outras origens é indispensável para o campo.

O desenho de *ccdoc* prevê dois tipos de usos principais da informação que recupera, sistematiza e coloca à disposição: um relativamente mais individual, como suporte documental para a elaboração de *estados da questão* de projetos de investigação; o outro, mais bem coletivo, consiste por uma parte em dispor de uma base de informação que facilite a avaliação contínua da produção do campo, e por outra, em "suscitar um processo de reflexividade entre os investigadores mexicanos da comunicação sobre o desenvolvimento de sua própria especialidade" (Fuentes, 2000a). Poderia dizer-se, em ambos os planos, que a pretensão é incidir no *habitus*, na *cultura acadêmica* específica do campo e seus agentes. Uma série de *produtos* de uso deste recurso são facilmente reconhecíveis e imagináveis; por exemplo:

- Sistematizações e análise documental;
- Estados da questão para projetos e linhas coletivas de investigação;

- Análise de trajetórias e tendências da investigação;
- Revisão crítica de perspectivas;
- Refinamento de perguntas de investigação;
- Localização de interlocutores no campo e fora dele;
- Discussão de premissas e resultados dentro e fora do campo;
- Desenvolvimento de novas "aplicações" ou articulações do conhecimento;
- (Auto)avaliação da produção no campo...

Certamente, muitos destes "produtos" são realizados e postos em circulação como insumos do desenvolvimento próprio do campo. A documentação não é um recurso novo para o trabalho acadêmico; a inovação tecnológica de sua disposição via internet pode comparar-se ao impacto que teve há décadas a introdução de computadores, sobretudo os "pessoais", no processamento de dados e o refinamento das técnicas de análise estatística na investigação por enquetes ou mediante desenhos experimentais. A *mediação* comunicativa prevista no projeto de *ccdoc* tem para o campo acadêmico uma implicação mais ampla que a apropriação *instrumental* de um recurso tecnológico por seus agentes.

O problema das categorias e a constituição dinâmica do campo

Manuel Martín Serrano define a *mediação* como "a atividade de controle social que impõe limites ao que poderia ser dito, e as maneiras de dizê-lo, por meio de um sistema de ordem" (1988: 1360). A argumentação deste significado teórico-social do conceito é convincente e sintética em seu debate com o estruturalismo, porém pertinente também no contexto das operações de mediação da documentação acadêmica:

Quando a mediação introduz um modelo de ordem na informação para oferecer uma visão estável do mundo com fins de controle social, a informação deixa de ter por objeto da realidade original 'o que ocorre'. Pelo contrário, é por meio 'do que ocorre' que se trata de explicar a ordem. O mediador toma seus próprios códigos como sujeito da comunicação utilizando o conteúdo como um objeto ilustrativo. Impõe o primado da infra-estrutura da ordem sobre o acontecer. (Martín Serrano, 1988: 1360).

O risco central de todo trabalho de seleção e processamento de informação é precisamente impor as categorias de tal seleção ao conjunto de objetos sobre os que se intervém e restringir, orientar o sentido, da interpretação desse conjunto *desde um só ponto de vista*, que assim se reproduz e impõe. É o que têm a fazer os "meios" em seus trabalhos noticiosos ("informativos") cotidianos: construir representações da "realidade" dos acontecimentos e fazê-los passar socialmente pela "realidade" ao difundi-los (Martín Serrano, 1986). E é o que tendem a fazer os sistemas institucionais de controle da produção de conhecimento científico.

Para os estruturalistas que consideram que todos os mediadores dividem no fundo um único tipo de organização da ordem, não existe mais que uma representação da realidade em qualquer nível; e, além disso, será por definição a verdadeira. Em compensação, os estruturalistas que admitem como possíveis representações diferentes consideram cada uma delas como uma "teoria de um sistema" de ordem (Boudon). Teoria que refletirá as construções do mediador. Outro sistema de ordem incluiria e excluiria relações diferentes; a realidade apareceria então debaixo outro aspecto distinto (Martín Serrano, 1988: 1360).

Mais além do debate com as teses estruturalistas, é importante questionar no campo acadêmico (que é, por definição [Bourdieu, 1988], um espaço de tensões, de lutas pela legitimidade dos modelos de prática) os sistemas de categorias (de classificação) que os agentes empregam para definir o que é um produto de investigação (e o que não é) e quais são "da comunicação" ou de outras matérias.

A experiência na realização de projetos de documentação acadêmica no campo da comunicação e sua utilização para a elaboração de interpretações sobre o que o constitui precisamente como campo faz ver com clareza o problema das categorias de classificação em uma perspectiva maior que a meramente técnica. Perante a proliferação dominante no campo de tendências e de projetos de produção de conhecimento, que apontam simultaneamente em direção a muitos âmbitos e dimensões sociais e muitos diversos campos disciplinares para seu sustento acadêmico, é estratégico reconhecer e animar a abertura temática e teórico-metodológica no estudo da comunicação.

Um sistema de documentação como *ccdoc* pode contribuir para o desenvolvimento da produção de conhecimento acadêmico sobre a comunicação no México e para o fortalecimento do campo correspondente, porém, ao constituir-se em *mediador* dos processos de formação de pesquisadores, pode contribuir também para restringir as opções e para excluir pontos de vista alternados. Daí a insistência em que se adote criticamente como um recurso e se submeta a uma revisão constante *desde o nível das próprias categorias de seleção e classificação* de documentos que emprega⁷. Dar cabimento a diversas perspectivas na definição mesma das bases de reconhecimento dos produtos como representações do conhecimento é uma maneira indispensável de reforçar a capacidade coletiva para superar o estado de desconhecimento imperante sobre seus próprios produtos, condições e tendências.

Em uma atmosfera institucional que tende a estabelecer categorias normativas para os processos de reconhecimento, créditos e legitimação de programas e atividades acadêmicas, é urgente o fortalecimento dos vínculos comunitários de interlocução, cooperação e debate racional

7 Neste sentido, os recursos técnicos como o Thesaurus da UNESCO, previstos como sistemas de classificação temática de aplicação "universal", requerem não só de um processo de adaptação dos indicadores às características dos documentos, mas de uma discussão explícita das representações dos objetos e dos métodos que subjazem neles. E como o próprio Thesaurus, esta adaptação não pode elaborar-se mas coletivamente.

que permitam aos próprios agentes participar na definição dos parâmetros apropriados de avaliação de seus projetos e resultados. Esta tensão, especialmente aguda no campo de estudo da comunicação, está presente em muitos países e representa uma das condições essenciais para seu desenvolvimento no futuro imediato. Porém esta condição não é característica da investigação da comunicação em algum país ou região. A constituição epistemológica do campo tem respondido a fatores múltiplos e está sujeita a processos de amplo debate internacional, embora sua relação com os processos de *institucionalização* (social e cognitiva) seja complexa e diferenciada (Fuentes, 2003a).

Assim, a discussão epistemológica não pode desligar-se das formas de implantação que em cada lugar tem seguido o estudo da comunicação, e das estruturas sobre as quais se baseia a produção e circulação de seus produtos, especialmente as associações, programas e publicações acadêmicas. Os recursos de documentação eletrônica como *ccdoc* podem servir muito bem como base de análise e discussões que classifiquem, também, a forma em que certas decisões *locais* foram internacionalizadas ao longo da, porém breve, intensa história do campo.

Por exemplo, em fins de 2002 um grupo de trabalho apresentou ao Comitê de Metodologia do *National Research Council* (Conselho Nacional de Investigação) nos Estados Unidos uma proposta sobre “a comunicação: uma disciplina de investigação” (Balthrop *et al.*, 2002), em que se definem quatro “áreas de investigação”:

- Estudos de comunicação: investigação científica e crítica sobre a comunicação humana, incluindo a comunicação interpessoal, organizacional, pública e intercultural, e a comunicação em diversos contextos sociais, culturais e políticos;
- Estudos de comunicação massiva e meios: investigação sobre as instituições, textos e efeitos midiáticos, e como se usam os meios para produzir e transformar cultura;
- Estudos de discurso [*speech*] e retórica: investigação focada sobre retórica política e social, a aná-

lise de audiências, a argumentação, crítica retórica e teoria retórica;

- Estudos de telecomunicações: investigação sobre o desenvolvimento, usos, regulações e efeitos das tecnologias de telecomunicação, incluindo o rádio, a televisão, a telefonia e a internet (Balthrop *et al.*, 2002).

Nessas quatro áreas, a proposta inclui uma enorme variedade de temas e enfoques de investigação, que podem identificar-se com distintas comunidades acadêmicas, redes de instituições, revistas especializadas e fontes de financiamento. E supõe uma forma específica de agrupar dados, de organizar, de *classificar*, que não é separável da pretensão de *legitimar*.

Nos Estados Unidos, esta necessidade de legitimação do campo está presente, como em todas as partes, porém em condições e com esferas de influência muito distintas.

Na França, para mencionar outro dos países “centrais”, a situação é muito diferente, porém com equivalente busca da legitimação, segundo outro informe recente (Lancien *et al.*, 2004). Aí, a institucionalização dos estudos de comunicação remete apenas a 1972, quando em uma reunião de 44 pessoas, encabeçadas por Robert Escarpit, Jean Meyriat e Roland Barthes, “se tomou a decisão de criar uma disciplina que se denominou ‘Ciências da Informação e da Comunicação’, logo após haverem consideradas outras denominações como ‘Ciências da Representação’ ou ‘Ciências da Significação’ (Lancien *et al.*, 2004: 38). Em 1993 (com modificações em 1999) se definiram o “campos de competência” desta área “decididamente interdisciplinar”:

- Os estudos sobre as noções de informação e de comunicação, suas relações, a natureza dos fenômenos e das práticas que assim se denominem, assim como os diferentes enfoques científicos que apliquem;

- O estudo, por uma parte, do funcionamento dos processos, das produções e dos usos e, por outra parte, da recepção da informação e da comunicação;
- O estudo dos atores individuais e institucionais da informação e da comunicação;
- O estudo da informação, de seu conteúdo, de suas propriedades, de seus efeitos e das representações que veicula;
- O estudo dos sistemas de informação e dos sistemas de acesso à informação, documentais ou não, informatizados ou não;
- O estudo dos meios de comunicação sob seus diversos aspectos (Lancien *et al.*, 2004: 42).

O estudo de Lancien e colaboradores revisa as articulações institucionais desta área, as condições e lugares em que se realizam a investigação, a formação de pesquisadores e a difusão acadêmica na França, assim como as temáticas que mais se têm desenvolvido e suas complexas relações acadêmicas, financeiras, políticas e sociais, incluindo uma análise de três das principais revistas do campo. Em meio de um debate muito intenso, os autores sinalizam que “o advento de uma sociedade da informação demanda dos poderes públicos um novo enfoque institucional e uma vontade sobre a verdadeira estratégia de investigação no Campo das CIC” (Lancien *et al.*, 2004).

Sem a intervenção decisiva, no México, de organismos reguladores gremiais e públicos como em outros países, para determinar “oficialmente” as fronteiras e orientações, prioridades e requisitos básicos da investigação da comunicação como uma *disciplina legítima*, o debate entre os agentes acadêmicos é crucial, todavia, na definição do sentido geral e nas direções específicas que o campo haverá de tomar no futuro próximo. Daí a urgência de reforçar os mecanismos que superem o estado de desconhecimento imperante no campo sobre seus próprios produtos e sua própria história. E a necessidade estratégica de construir um sistema de *categorias* próprio

da ciência contemporânea, não baseado só nos temas de referência ou nos marcos de fundamentação, que fomente o diálogo e a articulação, e não a fragmentação e dispersão de projetos que podem reconhecer-se hoje em nosso campo. A documentação é um recurso, uma infraestrutura que pode servir para esse propósito, porém não resolverá por si só os dilemas do futuro.

Referências bibliográficas

ALMADA NAVARRO, Margarita (2003): “Las políticas de información en la construcción de una sociedad del conocimiento”, en BOKSER (coord.), *Las ciencias sociales, universidad y sociedad. Temas para una agenda de posgrado*. México: UNAM, p.101-110.

BALTHROP, Bill, GAUDINO, Jim, POOLE, Scott & WARTELLA, Ellen (2000): “Communication: a Research Discipline”, presented to the Methodology Committee of the National Research Council, documento inédito.

BELTRÁN S., Luis Ramiro (1974): “La investigación en comunicación en Latinoamérica: ¿indagación con anteojeas?”, en *Investigación sobre comunicación en Latinoamérica. Inicio, trascendencia y proyección*. La Paz: Plural/UCB, 2000, p.29-86.

BOURDIEU, Pierre (1988): *Homo Academicus*. California: Stanford University Press.

CASAS, Rosalba (coord.) (2001): *La formación de redes de conocimiento. Una perspectiva regional desde México*. Barcelona: Anthropos/IIS UNAM.

CASTELLS, Manuel (1999): *La Era de la Información. Economía, Sociedad y Cultura*. Vol. 1: La sociedad red. México: Siglo XXI.

CIESPAL (1974): “Seminario sobre la investigación de la comunicación en América Latina”, en *Lenguajes* Año 1 No.1, Buenos Aires: Nueva Visión, p.137-146.

FUENTES NAVARRO, Raúl (1991): “Proyecto de documentación: el Centro CONEICC sobre comunicación en México”, en *Boletín ALAIC* No. 5. São Paulo: Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, p.35-44.

_____. (1997): “La experiencia del Centro CONEICC de Documentación sobre Comunicación en México y el proyecto de

FELAFACS para una red informatizada de centros de documentación sobre comunicaciones en América Latina". Ponencia en el IV COMNET-AL: Encontro da Rede Latinoamericana de centros de documentação, Intercom '97, Santos, SP, Brasil.

_____. (2000a): Protocolo del proyecto *La investigación académica sobre comunicación en México 1950-2000*. Guadalajara: ITESO, presentado al Comité de Ciencias Sociales del CONACyT.

_____. (2000b): "Documentación académica en comunicación: perspectivas latinoamericanas". Ponencia en el X ENDOCOM, Encontro de Centros de Informação e Bibliotecas da Área de Comunicação, Intercom 2000. Manaus, AM, Brasil.

_____. (2000c): *Educación y Telemática*. Buenos Aires: Norma (Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación No. 6).

_____. (2001): "Exploraciones teórico-metodológicas para la investigación sociocultural de los usos de la Internet", en VASSALLO DE LOPES y FUENTES NAVARRO (Comps.), *Comunicación, campo y objeto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas*. Guadalajara: ITESO/ U.A. de Aguascalientes/ U. de Colima, U. de Guadalajara, p. 229-245.

_____. (2003a): "La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación", en VASSALLO DE LOPES (Org.) *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola (Comunicação Contemporânea No. 1), p.15-40.

_____. (2003b): "Comunicación y educación en la Era Telemática: una perspectiva sociocultural", en APARICI (Coord.), *Comunicación Educativa en la Sociedad de la Información*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, p.547-558.

_____. (2004a): "La producción de conocimiento sobre la comunicación en México. La recuperación de sus referentes documentales", en AMIC, *Hacia la construcción de una Ciencia de la Comunicación en México. Ejercicio reflexivo 1979-2004*. México: Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación.

_____. (2004b): "Una 'biblioteca virtual' sobre la investigación de la comunicación en México", *Telos, cuadernos de comunicación, tecnología y sociedad*, No. 61, Madrid: p.12-13.

GIMÉNEZ, Gilberto (2003): "El debate sobre la prospectiva de las Ciencias Sociales en los umbrales del nuevo milenio", *Revista Mexicana de Sociología* Año 65 No. 2, México: Instituto de Investigaciones Sociales UNAM, p.363-400.

HERRERA LIMA, Susana y FUENTES NAVARRO, Raúl (2002): "Tecnología, cognición y aprendizaje: la construcción educativa de realidades mediante la simulación computacional", en *Versión, estudios de comunicación y política* No. 12, México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco.

JENSEN, Klaus Bruhn (2001): "Modelos comunicantes: la importancia de los modelos para la investigación sobre los mundos de la Internet", (traducción de Raúl FUENTES NAVARRO), en *Comunicación y Sociedad* No. 40. Guadalajara: DECS Universidad de Guadalajara, p.65-104.

KUHN, Thomas S. (1970): *The structure of scientific revolutions*. 2nd. edition. Chicago: The University of Chicago Press.

LANCIEN, Thierry et al. (2004): "La investigación sobre la comunicación en Francia. Tendencias y carencias" (traducción de Armando ZACARÍAS CASTILLO), en *Comunicación y Sociedad* nueva época No. 2. Guadalajara: DECS Universidad de Guadalajara, p.37-70.

LÉVY, Pierre (1990): *Las tecnologías de la inteligencia: el futuro del pensamiento en la era informática*, Buenos Aires: Edicial.

MARTÍN SERRANO, Manuel (1977): *La mediación social*. Madrid: Akal.

_____. (1986): *La producción social de comunicación*. Madrid: Alianza Universidad.

_____. (1988): "Mediación", en *Diccionario UNESCO de Ciencias Sociales*. Vol. III. Barcelona: UNESCO/Planeta-Agostini, p.1359-1364.

MCBRIDE, Sean et al. (1980): *Un solo mundo, voces múltiples. Comunicación e Información en nuestro tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica/UNESCO.

ROBINA, Soledad (1988): "Bancos de información nacionales: la búsqueda de la soberanía informativa", en SÁNCHEZ RUIZ (comp.), *La investigación de la comunicación en México. Logros, retos y perspectivas*. México: Ediciones de Comunicación/Universidad de Guadalajara, p. 253-261.

SALOMON, Gavriel (Comp.) (2001): *Cogniciones distribuidas. Consideraciones psicológicas y educativas*. (Traducción de Eduardo SINNOTT). Buenos Aires: Amorrortu.

TOLEDANO O'FARRILL, Rubén (2004): *Manual para el acceso y uso de la biblioteca para profesores*. Guadalajara: Biblioteca Dr. Jorge Villalobos Padilla SJ, ITESO.